

## Injecção de preposições em contextos de $V_{Fin} + V_{Inf}$ – um teste para perifrásticas?

Joana Vieira Santos  
Ana Paula Loureiro

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

### 1. Introdução

O presente trabalho, enquadrado no âmbito do estudo da sintaxe e semântica das preposições e da representação linguística do espaço em Português, tem os seguintes objectivos: (i) contribuir para delimitar os parâmetros sintácticos e semânticos que condicionam a configuração dos complementos locativos e o preenchimento dos respectivos espaços preposicionais; (ii) mostrar que esses parâmetros se reconfiguram, de certo modo, em contexto dito “perifrástico”, isto é, que a inserção na frase de um “auxiliar” tèmoro-aspectual como *ir* – por exemplo, *vai dançar*, *foi almoçar* face a *dança*, *almoçou*, etc. – traz novas dimensões temporais e aspectuais à frase, alterando, em consequência disso, as orientações para a configuração frásica do espaço e o comportamento das suas realizações.

Um efeito reflexo revelado pela análise aponta para que a injecção de preposições nestes contextos possa vir a constituir um teste válido para a distinção de perifrásticas “fracas” ou “fortes”, confirmando, para alguns casos, o estatuto de semi-auxiliar do verbo *ir*.

O modelo de análise proposto segue de perto os trabalhos de Vandeloise (1986), Berthonneau & Cadiot (1993), Cadiot (1997; 2002) e Borillo (1998), aplicados a ocorrências reais modificadas<sup>1</sup>.

### 2. Modelo de análise

A estrutura típica de uma frase com complemento locativo encontra-se resumida no seguinte esquema:  $Es + V (+ Ecd) + P + Eloc$  (Vandeloise, 1986, adapt.).

<sup>1</sup> Os exemplos foram adaptados de ocorrências com origem em textos jornalísticos, que constituíram um primeiro corpus para o projecto de investigação sobre *As preposições espaciais em português e em francês – estudo contrastivo*, co-dirigido pelo Prof. Doutor Jorge Morais Barbosa (Universidade de Coimbra) e pela Prof. Doutora Colette Feuillard (Universidade René Descartes, Paris), financiado pelo CRUP no âmbito das Acções Integradas Luso-Francesas (Acção 1/03). O presente trabalho integra-se na prossecução desse projecto para além do seu tempo de vigência.

Partimos do pressuposto de que a configuração espacial que pode resultar desta expressão depende, antes de mais, da semântica do *verbo* (V), ficando directamente indexada à sua dimensão temporal e aspectual interna. Será também traço determinante, nessa configuração, o estatuto argumental ou não argumental (circunstancial) que o V atribui ao *locativo* (Loc)<sup>2</sup>.

Alguns conteúdos específicos desta pré-determinação semântica aparecem também disseminados pelas diferentes *entidades referenciadas na frase* (*entidade sujeito* – Es, *entidade complemento directo* – Ecd, *entidade locativa* – Eloc)<sup>3</sup>. A disseminação torna por vezes difícil destriçar entre os valores tèmoro-aspectuais que são da exclusiva responsabilidade de V ou, pelo contrário, atribuíveis globalmente à construção que tem V no seu centro. Considerando conteúdos específicos aos processos de V, é vista, no presente artigo, a distinção entre processos que implicam deslocação da Es e processos que não a implicam. Um outro conteúdo dirá respeito ao carácter direccionado ou não-direccionado dessa deslocação – um V como *sair*, por exemplo, é necessariamente direccionado, ao contrário de um V como *dançar*. Em consequência, as respectivas possibilidades de preenchimento do Loc são distintas.

Por fim, e relativamente ao lugar ocupado na frase pela *preposição* (P), devemos igualmente atribuir-lhe um certo papel na formação do espaço do processo. Isto é, não deixando de assumir o estatuto fundamentalmente repetitivo de P em relação às instruções de V, entendemos que este elemento de relação, geralmente perspectivado como sendo sobretudo sintáctico, tem alguma margem de resposta na expressão das relações espaciais. Referimo-nos, nomeadamente, a casos em que P, sem alterar a configuração espacial central de V, lhe pode acrescentar traços. Falamos, por outro lado, de casos em que P pode escolher a fase do processo relevante, podendo mesmo operar uma transferência de *polaridade*. Veremos ainda situações em que só será resolvida em P a alternância, possível em certos verbos, entre o tipo de configuração do espaço.

### 3. Aplicação a casos de contexto espacial de V simples

Em contexto de V simples, confirma-se que, efectivamente, os tipos de configuração espacial admitidos no Loc estão enraizados na dimensão tèmoro-aspectual do processo. Isto é, V do tipo de *estar*, *morar* ou *correr* apresentam possibilidades de configuração do espaço distintas das que encontramos em V do tipo *ir* ou *partir*, e essa diferença está relacionada com a diferente estrutura temporal interna inerente a cada grupo de verbos: homogénea para os primeiros e heterogénea para os segundos.

<sup>2</sup> Cf. "les prépositions font partie des objets qui ne permettent guère d'isoler une composante linguistique (...). Il faut faire avec les effets induits par le lexique, la détermination, l'aspect, le domaine de la signification, les relations syntaxiques, tenir la complexité des effets référentiels pour isoler les facteurs dont ils résultent." (Berthonneau & Cadiot, 1983: 11).

<sup>3</sup> Por assumirem um claro estatuto sintáctico diferenciado, estes elementos são, por convenção, individualmente identificados pela função que lhes corresponde na frase.

Como reflexo deste paralelismo, propomos que se fale também aqui de dois tipos de configuração espacial: uma *configuração espacial homogénea* ou *espaço homogéneo*; e um *espaço heterogéneo*.

### 3.1. Espaço homogéneo

Falamos de *configuração espacial homogénea* nas situações em que Es e Eloc estabelecem uma relação verdadeira em todos os sub-intervalos do processo, isto é, uma relação constante e igual em todo o tempo – relação que é tipicamente representada pela preposição *EM*. É o tipo de informação esperada, por exemplo, nas frases com V de processo aspectual homogéneo – *estados* ou *actividades* –, como lemos em:

- (1) A Ana *mora em* Coimbra.
- (2) A Rita *está com a mãe em* Leiria.
- (3) O par *dança no* salão.
- (4) A maratonista *corre no* Parque da Cidade.
- (5) A Maria *estuda em* Coimbra.

Neste tipo de configuração incluem-se ora processos que implicam deslocação de Es – *processos dinâmicos com deslocação* (*dançar e correr*; mas também *viajar, passear, etc.*) –, ora *processos sem deslocação* de Es – processos estáticos (*morar e estar*) e processos dinâmicos sem deslocação (*estudar*).

Contudo, a informação de espaço homogéneo pode ser igualmente pedida ou admitida por processos heterogéneos (do ponto de vista aspectual) que não implicam deslocação do Sujeito (*almoçar*) ou que a implicam, mas em que o argumento télico não é locativo (*dançar os temas*). É o caso de:

- (7) A Rita *almoçou na* Linha do Estoril.
- (8) Os investigadores *realizaram os projectos em* Portugal.
- (9) O par não *dançou os temas obrigatórios no* salão.
- (10) O atleta não *correu os 100 metros em* Paris.

### 3.2. Espaço heterogéneo

Pelo contrário, falaremos de *configuração espacial heterogénea* nos casos em que Es e Eloc estabelecem uma relação verdadeira apenas num dos sub-intervalos do processo.

É o caso dos processos télicos que, tal como os anteriores, também implicam deslocação da Es, mas em que a entidade que preenche o argumento correspondente ao ponto final da acção é precisamente o *locativo* (Loc). Esta é a aplicação típica das preposições *A/PARA* e *DE* e é exemplificada pelos verbos *ir* e *viajar*, nas frases:

- (11) O João *vai para* a Covilhã,  
(12) A sonda *viaja para* Marte.

A relação no espaço entre as Es (*João e sonda*) e as Eloc (*Covilhã e Marte*), respectivamente, é uma relação verdadeira apenas numa fase do processo – para o caso, a fase final.

Um caso particular dentro deste tipo de processos diz respeito às situações expressas em frases do tipo

- (13) O comboio *partiu do* Pinhão,  
(14) O João *sai da* Covilhã,  
(15) Os turistas *chegam ao* Trevim,

na medida em que os seus processos se esgotam num dos pólos de uma linha espacial diferenciada. São verbos que indicam processos pontuais.

É a preposição *EM* que corresponde à escolha típica para um espaço homogéneo e, pelo contrário, são as preposições *DE*, *A* e *PARA* que se aplicam a estruturas espaciais diferenciadas. A preposição é, assim, particularmente sensível a esta primeira oposição na configuração do espaço do processo. Isto explica a agramaticalidade de frases como:

- (16) \*A Ana *mora de* Coimbra.  
(17) \*A Rita *está de* Leiria.  
(18) \*A Maria *estuda de* Coimbra.  
(19) \*A Maria *estuda a* Coimbra.

Observamos ainda que, tipicamente, a preposição responde também de forma positiva à selecção verbal do sub-intervalo em espaços heterogéneos, como se pode observar nas frases com *sair DE*, *entrar EM*, *ir PARA*, etc.

### 3.3. Alternâncias de P

Vejamos, agora, para cada tipo de configuração espacial definida, as possibilidades de alternância disponíveis para o espaço introduzido por P.

É possível identificar dois casos: (i) inserção de P típica de espaço heterogéneo em frases com V de configuração espacial homogénea; (ii) inserção em contexto espacial heterogéneo de P não congruente com a fase do processo predeterminada na semântica de V.

#### 3.3.1. Alternâncias de P por variação de congruência

Começando pelas *situações que implicam espaço heterogéneo* – isto é, os processos télicos com deslocação de Es e Loc argumental –, sabemos que a semântica de

V privilegia um dos pólos ou fases da acção, determinando a escolha do Loc, e, em particular, a escolha de P. No entanto, as outras fases (ou sub-espacos) do processo ficarão disponíveis para preenchimento em sintagma tipicamente não argumental com informação não congruente, como podemos ver na frase:

(20) O Paulo *sai de* Leiria para Monte Real.

onde o Loc *para Monte Real* se combina com o Loc argumental propriamente dito *de Leiria*, sendo, portanto, circunstancial. Um Loc não congruente deste tipo pode até, noutros casos, e na ausência de um Loc argumental, *ascender* à posição de argumental, assumindo o estatuto de "argumental não congruente". É o que acontece nas frases:

(21) O Paulo *sai para* Leiria.

(22) O Paulo *sai de* Leiria.

Em *sair PARA*, a localização espacial indicada no locativo é, para além de não-congruente, também externa ao processo. Nestes casos particulares, uma reorganização dos traços vem confirmar a dimensão processual superior de que os processos em causa são extraídos, tal como confirma que essa dimensão fica implícita e pode tornar-se explícita. Adicionalmente, observamos que, quando se combinam diferentes locativos, de estatuto sintáctico diferenciado, existem casos de restrição de ordenamento. A frase

(23) O Paulo *sai de* Leiria *para* Monte Real *pela* 109

é possível, ao passo que uma frase como

(24) \*O Paulo *sai para* Monte Real *pela* 109 *de* Leiria

não parece possível.

### 3.3.2. Alternâncias de P por readaptação semântica ou sintáctica

Quanto às *situações que implicam espaço homogéneo* – e que são à partida todas as outras – as alternâncias de P resultam da readaptação dos seus traços ao contexto espacial condicionado por V.

Os contextos estudados são – recordamos alguns – frases com V do tipo *dançar* ou *correr, almoçar* ou *realizar, morar, etc.*

Começando pelos *processos estáticos*, com ou sem argumento locativo (*estar, morar*), observamos que admitem a inserção da preposição PARA, mas que esta não altera a configuração espacial de base, antes lhe impõe, externamente, o traço /APROXIMAÇÃO/ -

(25) A Ana *mora para* Coimbra,

(26) A Rita *está para* Leiria -.

sendo mesmo este um caso em que, por confronto com o verbo *ir* de (11), se constata que a preposição é a única responsável pela alteração do sentido.

Relativamente aos *processos dinâmicos atéticos* (*correr, dançar*), verifica-se igualmente a possibilidade de alteração do tipo da preposição, que pode até ter efeitos ao nível do tipo de configuração do espaço. Essa possibilidade ficará, no entanto, dependente dos seguintes factores: do traço /DESLOCAÇÃO/, do estatuto argumental do Loc e da relação material entre as entidades envolvidas no processo.

Observemos apenas uma das situações possíveis:

- (3) O par *dança* no salão.
- (4) A maratonista *corre* no Parque da Cidade.

Estes contextos implicam deslocação e parecem deixar em aberto a possibilidade de inserção de uma indicação de fase, na medida em que a aceitam no seu esquema argumental. Mas, para tal, impõe-se que o processo atético passe a processo télico.

- (4) A maratonista *corre* no Parque da Cidade
- (27) A maratonista *corre para* o Parque da Cidade.

Esta possibilidade parece mais evidente no caso de processos que associam o traço /DIRECÇÃO/ ao traço /DESLOCAÇÃO/, como é o caso em *correr*.

Quanto aos casos de *processo télico mas com espaço homogéneo* (*almoçar, realizar os projectos, dançar os temas*), a possibilidade de inserção de P típica de espaço heterogéneo parece variar também em função ora do traço /DESLOCAÇÃO/, ora de alterações do preenchimento do espaço complementar argumental, ora da relação espacial entre as entidades envolvidas no processo. Vamos precisar, referindo dois casos.

Assim, em *situações télicas sem deslocação*, apenas parece admitir-se a substituição da preposição típica por *PARA* em casos como (28), admissível num discurso oral

- (28) ?A Rita *almoçou para* a Linha do Estoril,

e tudo leva a crer que esta possibilidade de alternância poderá estar estreitamente ligada à relação espaço-temporal específica que é estabelecida entre as realidades argumentais envolvidas, já que idêntica substituição não parece ser admissível no processo da outra frase do mesmo grupo:

- (29) \*Os investigadores *realizaram* os projectos *para* Portugal

Já no caso das *situações télicas com deslocação*, globalmente não parece ser possível inserir uma informação locativa com incidência em parte do processo, como confirma a estranheza da frase

(30) ?O atleta não *correu* os 100 metros **para** Paris.

A impossibilidade de um Loc deste tipo parece estar relacionada com a configuração heterogénea que aqui fica associada a PARA e a conseqüente exigência de relevância argumental de um Loc assim constituído. Sendo assim, só no caso de o complemento directo ceder o seu lugar argumental ao Loc, poderá ser possível a inserção, neste contexto, de um Loc com selecção de fase. Seria, então, a frase:

(31) O atleta não *correu para* Paris.

#### 4. Confronto com $V_{Fin} + V_{Inf}$

##### 4.1. Apagamento do esquema argumental de $V_{Fin}$

Restringindo, sempre a análise aos contextos espaciais, e passando agora às combinações de  $V_{Fin} + V_{Inf}$ , constatamos que os comportamentos dos Loc são mais imprevisíveis. A análise consiste no teste de injeção<sup>4</sup> das mesmas P vistas para os V simples, pelo que as agramaticalidades e efeitos de sentido são avaliados em relação aos mesmos Loc, sejam eles argumentais ou circunstanciais, mas em relação a processos verbais que foram modificados na sua dimensão temporal e aspectual, o que poderá vir a revelar-se pertinente.

É de notar que as construções ora em causa se distinguem por se considerarem tradicionalmente como *perifrásticas*, isto é por apresentarem um elemento conjugado – dito *verbo auxiliar* – que, não possuindo propriedades de selecção semântica (Mateus *et al.*, 2003: 303 – 305), sofre um apagamento do esquema argumental, visível quando comparado com ocorrências isoladas.<sup>5</sup>

O efeito de apagamento é claramente visível confrontando, antes de mais, o uso de A com o de PARA em locativos com os V plenos *ir* e *partir*:

(32) O João *vai* à Covilhã.      (11) O João *vai para* a Covilhã.

<sup>4</sup> O termo *injeção* é teoricamente descomprometido, tendo sido preterido o termo mais clássico de *inserção* (processo sintáctico de adição de elementos à frase). Representa a fase final de um o método de testagem combinado, que, em simultâneo, altera a estrutura de verbo simples e inclui manipulação de preposições, com efeitos invasivos na estrutura pré-existente.

<sup>5</sup> Como não podem estabelecer relações sintácticas de forma autónoma, as perifrases constituem um tipo de *sintema* (Barbosa, 1996/1997: 231 – 232). A especificidade das perifrases reside na gramaticalização de informações lexicais do elemento auxiliar, as quais se conservam, contudo, no elemento nuclear transformado,  $V_{Inf}$ . O teste de injeção é inspirado no princípio segundo o qual um elemento de um sintema não pode receber sozinho qualquer determinação, ela será antes recebida (e exercida) pelo bloco do qual faz parte (Marinet, 1965 [1985]: 127).

- (33) \*O João *parte à* Covilhã.      (34) O João *parte para* a Covilhã.

Vemos que *ir* como V pleno admite ambas as P num contexto de Loc argumental, ao passo que o V pleno *partir* só admite PARA. A restrição mantém-se quando *partir* é integrado numa construção com *estar* como V auxiliar, (35). Conservando em mente os exemplos imediatamente anteriores, confrontemos então a agramaticalidade desse exemplo com a maior aceitabilidade da mesma P, quando *partir* surge acompanhado de *ir*:

- (35) \*O João *está a partir à* Covilhã.      (36) ?O João *vai partir à* Covilhã.

#### 4.2. Efeitos do teste de injeção

Como a possibilidade de injeção de A só existe em relação a *ir* e nunca a *partir*, existem bons motivos para negar a perda de autonomia do primeiro V, pelo que, mesmo que nem sempre conclusivo, o teste de injeção da P com Loc permite assinalar um tipo especial de perifrástica, numa construção estruturalmente ambígua. Confrontando outros exemplos, encontramos agramaticalidade em (37), ao passo que (38) é perfeitamente aceitável:

- (37) \*O comboio *parte ao* Pinhão.      (38) O comboio *vai partir ao* Pinhão.

Dado que o sentido desta segunda frase é o que encontramos também em

- (39) O comboio *vai ao Pinhão partir para* a Régua.

conclui-se que há uma individualização, tanto sintáctica como semântica, dos dois processos, efeito de sentido a que não será estranho o facto de poderem suceder-se no tempo, isto é, de terem uma dimensão temporal e aspectual diferente. Nesta leitura, *ir* conserva todo seu esquema argumental próprio, ao mesmo nível do V *partir*. Como corolário, há uma alteração do estatuto circunstancial e argumental dos elementos da frase. Neste caso, *ao Pinhão* torna-se locativo argumental congruente de *ir*, ao passo que o conjunto *partir para a Régua* se vê relegado para o estatuto de circunstancial desse mesmo verbo, configurando um processo imediatamente subsequente, com o seu Loc próprio, mas não-congruente (v. 3.3.1.).

Num segundo conjunto de exemplos, lembrando que PARA, preposição que selecciona fase do processo, é incompatível com a configuração espacial homogénea de um verbo como *almoçar* (v. 3.1. e 3.2.), haverá agramaticalidade em (40). Contudo, o estatuto circunstancial do locativo permite uma readaptação dos traços da preposição, o que legitima (28), exemplo já visto anteriormente:

- (40) \*A Rita *almoçou para* o restaurante.  
(28) A Rita *almoçou para* a Linha do Estoril.

Só quando a ELoc não for um espaço amplo e, por conseguinte, não admitir localização aproximada da entidade sujeito a um espaço heterogéneo, é que a viabilização terá de passar pela injeção em contexto perifrástico. Vemos isso em (41), cujo sentido, mais uma vez, é idêntico ao de (42):

- (41) A Rita *vai almoçar para* o restaurante.  
 (42) A Rita *vai para* o restaurante (para) *almoçar*.

Note-se que (42) implica de novo a leitura separada, tanto sintáctica como semântica, de *para o restaurante* – locativo argumental de *ir* – em relação a (*para*) *almoçar* – que será circunstancial de *ir* –, ao qual se poderia acrescentar ainda mais um circunstancial, como *na mesa do costume*.

### 4.3. Perifrásticas “fracas” e “fortes”

O teste de injeção da preposição assinala assim que *ir* não cumpre a condição essencial para funcionar no conjunto apenas como auxiliar para o sentido de “futuro próximo” (Barbosa, 1996/7: 234 – 235), além de confirmar, por outro lado, o seu estatuto de semi-auxiliar (Mateus *et al.*, 2003: 315). Contudo, permanece alguma ambiguidade estrutural na construção, o que também autoriza considerar construções deste tipo como “perifrásticas fracas”. Para que tal situação se produza, é necessário que: i) as características temporais e aspectuais dos processos dos V implicados admitam sucessão, o que faz com que o processo correspondente a  $V_{Inf}$  possa decorrer imediatamente a seguir ao de  $V_{Fin}$ ; ii) as características da deslocação no espaço previstas nos V admitam multiplicação dos Loc.

É, por conseguinte, defensável que a injeção da preposição funcione como um teste de identificação, visto que faz sobressair o contraste em relação a outros tipos de “perifrásticas”, necessariamente “fortes”. Nestas, já os processos não se podem individualizar sucedendo-se no tempo, o que é visível porque se conservam as agramaticalidades constatadas para os verbos simples sempre que se injectar uma preposição que surja habitualmente junto a outro verbo, de traços distintos ou mesmo opostos. A diferença torna-se clara recorrendo à injeção num contexto em que o próprio aspecto de simultaneidade impeça que os processos dos dois verbos se individualizem. Como vimos já, são agramaticais as seguintes ocorrências:

- (35) \*O João *está a partir* à Covilhã.  
 (43) \*A Rita *está a almoçar* ao restaurante.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Não se pode afirmar que  $V_{Inf}$  seja sempre relegado para uma posição subalterna, uma vez que *estar a chegar* conserva todo o seu esquema argumental, em detrimento de  $V_{Fin}$ . Note-se, a este respeito, que *estar* também não é de todo incompatível com um locativo introduzido pela preposição *A*, desde que se opere um reajuste pelo traço /APROXIMAÇÃO/, eventualmente mais aceitável com um espaço homogéneo e circunscrito, como acontece em (44) *Estou* ao quilómetro 128 da A1. (Santos & Loureiro, 2004: 170).

A soldagem total dos verbos resultará então na prevalência do esquema sintáctico e semântico de  $V_{Inf}$ , pelo que a configuração de um esquema argumental diferente, ainda que previsto em  $V_{Fin}$  quando de sentido pleno, não será possível.

É o que encontramos em (15), em que a preposição *A* assinala um locativo argumental congruente com o verbo *chegar*, de que resulta a exclusão absoluta da preposição *PARA*, visível em (45):

(15) Os turistas *chegam* ao Trevim. \*(45) Os turistas *chegam para* o Trevim.

Recordemos porém, de novo, que *PARA* é compatível com *ir* como em (46), ainda que permaneça agramatical na estrutura *ir chegar* de (47):

(46) Os turistas *vão para* o Trevim.  
(47) \*Os turistas *vão chegar para* o Trevim.

Podemos concluir, por isso, que *ir chegar* é perifrástica "forte", uma vez que a injeção de *PARA* não é admitida pelo esquema do verbo *chegar*, seja qual for a forma do verbo. Verificamos, aliás, que o conjunto não admite sucessão, já que *chegar* será visto como situado num subintervalo do processo de *ir*, o da sua fase final. Acessoriamente, tudo indica que *ir* possa então tornar-se num auxiliar pleno, por oposição ao comportamento de semi-auxiliar com *partir*, no contexto de (36), (38) e (39).

Encontramos a mesma situação em (48), em que os dois processos, simultâneos no tempo, instauram indubitavelmente a perifrástica "forte", pelo que a injeção de uma preposição incompatível com  $V_{Fin}$ , patente em (49), será agramatical:

(48) \*A sonda *passeia* a Marte. (49) \*A sonda *está a passear* a Marte.<sup>7</sup>

Contudo, é admissível (ainda que questionável) individualizar esses processos como em (51), situação que um simples teste de deslocação corrobora em (52), fazendo sobressair a sua sucessão:

(51) ?A sonda *vai passear* a Marte. (52) A sonda *vai* a Marte (para) *passear*.

E é aqui que vemos claramente que a dissociação verbal é acompanhada da dualização em argumental e circunstancial, já que teremos o mesmo efeito encontrado para os exemplos (39) e (42). Assim,

<sup>7</sup> Sendo atético, *passear* (como, aliás, *viajar*) pode tornar-se tético quando associado a um espaço que lhe marque o termo, como acontece em (50) A sonda *passeia* (*viaja*) até Marte. Será pois a preposição *ATÉ* a responsável por marcar este termo, sem descurar o traço /APROXIMAÇÃO/, dado que o processo de deslocação fica necessariamente direccionado e cessa no momento em que a entidade sujeito a sonda atinge o espaço *Marte*, combinatória de sentidos que não é admissível com *A*.

(53) A sonda *vai a Marte* (para) *passear* numa zona restrita,

configura um esquema argumental próprio do verbo *ir*, com sentido pleno, ao passo que (para) *passear* se torna num circunstancial de *ir*, conservando, porém, a capacidade de agregar um locativo argumental próprio.

#### 4.4. Alteração do estatuto sintáctico

Constatamos então que, como que por arrasto, o teste de injeção da preposição despoleta a redistribuição do estatuto circunstancial e argumental dos outros elementos da frase, fenómeno que vimos já a propósito dos V simples (3.3.2.). Em situação de perifrástica “fraca”, a ascensão do circunstancial é bastante evidente, como acontece no conjunto seguinte. Se (54) é agramatical, já (55) é perfeitamente possível por analogia com o esquema argumental do verbo *ir*, quando de sentido pleno, repetindo-se em (56) a distinção de locativos já vista anteriormente:

(54) \**Vi* um espectáculo ao Avenida.

(55) *Fui ver* um espectáculo ao Avenida.

(56) *Fui* ao Avenida (para) *ver* um espectáculo na sala 1.

Ainda que este último exemplo não invalide o sentido “perifrástico puro”, por assim dizer, patente em

(57) *Vou ver* um espectáculo ao Avenida.

mantém-se, apesar disso, a ambiguidade estrutural, que podemos considerar extensível a todas as perifrásticas “fracas”. Esta questão, passível de exploração mais aprofundada, necessitará de ser visto mediante a correlação de todos os factores intervenientes, como sejam a mudança do estatuto sintáctico do locativo e, quando pertinente, a readaptação dos traços da preposição.

#### 5. Conclusões

A terminar, podemos reiterar que as ocorrências estudadas indiciam indubitavelmente que a configuração frásica do espaço terá como centro os parâmetros sintácticos e semânticos previstos em V, independentemente do estatuto argumental ou não da sua expressão. Neste sentido, o tipo de informação espacial a inserir em qualquer estrutura frásica, muito embora ditado por escolhas enunciativas de diversa ordem, conforma-se a pré-determinações internas a V, sejam elas de tipo sintáctico ou semântico, mormente aspectual, ou, até, temporal.

Do ponto de vista da investigação em curso – e é bom lembrar que, tratando-se de um estudo com este carácter, qualquer balanço proposto será sempre provisório – esta constatação dita a necessidade de estabelecer, em primeiro lugar, uma rede de traços própria para cada verbo. No presente trabalho, propomos já uma primeira dicotomia

entre configuração espacial *homogénea e heterogénea*. Avançamos igualmente a possibilidade de estabelecer correlações específicas entre fases dos processos de V e espaços em que esses processos se operam, influenciando quer a forma como a Es ocupa a Eloc, quer a configuração linguística do espaço no que toca à escolha de P.

Tal rede permitirá de seguida trabalhar todas as possibilidades (e impedimentos) de combinatória contextual entre verbos, preposições e locativos. Como a escolha da preposição é factor contextualmente dependente, só em concomitância com este trabalho poderemos estabelecer também uma rede satisfatória para os seus eventuais traços.

Já no que toca ao segundo objectivo do presente trabalho, que é o do confronto das estruturas  $V_{Fin} + V_{Inf}$  quando combinadas com os mesmos locativos vistos para os verbos simples, verificamos que algumas agramaticalidades desaparecem, o que indicia não se tratar de conjuntos sintacticamente idênticos. Sempre que o teste de injeção da preposição, eventualmente corroborado por uma deslocação, permitir constatar que os processos dos verbos em causa se individualizam, conservando os seus esquemas argumentais próprios, distinguiremos a chamada "perifrástica fraca". Por contraste, se o mesmo teste não alterar as agramaticalidades que não existem para o  $V_{Fin}$ , mas que são despoletadas pelo esquema argumental de  $V_{Inf}$ , tratar-se-á de uma "perifrástica forte", sem qualquer ambiguidade estrutural.

Colateralmente, o teste de injeção da preposição faz sobressair alterações dos outros elementos da frase, em particular dos locativos, sendo regular o fenómeno de redistribuição do seu estatuto sintáctico. Certos locativos argumentais de  $V_{Inf}$  passarão a locativos argumentais do  $V_{Fin}$ , tornado verbo pleno, com conseqüente transformação de  $V_{Inf}$  e suas respectivas expansões (argumentais ou não) num circunstancial desse mesmo  $V_{Fin}$ .

O efeito pode ainda despoletar uma readaptação dos traços da preposição ao seu contexto, o que confirma, por um lado, o carácter de certo modo maneável dos locativos e, conseqüentemente, da configuração linguística do espaço. Por outro, ajuda a confirmar uma hipótese de trabalho em desenvolvimento sobre o próprio comportamento contextual das preposições, semelhante ao dos itens anafóricos e deicticos, a saber: a absorção ou repetição de traços contextuais. Neste aspecto, "il y a peu de chances que le sens qu'enregistre en surface telle occurrence d'une préposition soit beaucoup plus qu'un effet, "local" ou partiellement généralisable, où des paramètres nombreux, et a priori hétérogènes, interagissent pour faire émerger telle ou telle interprétation probable, possible, ou relativement aléatoire (...)" (Cadiot, 1997: 37 - 38). A proposta, não sendo portanto nova, exige, como dissemos supra, um estudo das correlações sintácticas e semânticas da preposição no âmbito de cada verbo.

### Referências

- Barbosa, Jorge Morais (1996-1997) Sistemas verbais portugueses: IR + "INFINITIVO" e HAVER DE + "INFINITIVO". *Revista Portuguesa de Filologia XXI*, pp. 229-239.  
 Berthonneau, Anne-Marie & Pierre Cadiot (1993) *Les prépositions: méthodes d'analyse*. Lille: Presses Universitaires de Lille.

- Borillo, Andrée (1998) *L'espace et son expression en français*. Paris: Ophrys.
- Cadiot, Pierre (1997) *Les prépositions abstraites en français*. Paris: Armand Colin.
- Cadiot, Pierre (2002) Schematics and Motifs in the Semantics of Prepositions. In S. Feigenbaum & D. Kurzon (eds.) *Prepositions in their Syntactic, Semantic and Pragmatic Context*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 41-57.
- Martinet, André (1965 [1985]) *Elementos de Linguística Geral*. 10ª. Edição. Tradução de Jorge Morais Barbosa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Mateus, Maria Helena Mira *et alii* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª. edição. Lisboa: Caminho.
- Santos, Maria Joana Vieira & Ana Paula Loureiro (2004) Complementaridade e oposição: um estudo sobre as preposições A e PARA em Português. *Diacrítica. Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho*, 18-1, pp. 155-177.
- Vandeloise, Claude (1986) *L'espace en français*. Paris: Éditions du Seuil.